

FATOS E NOTAS

FLOREBAT OLIM...

Investigação do tópico do “mundo às avessas” na literatura portuguesa.

O sentido profundo da obra de Ernest Robert Curtius, *Europäische Literatur und lateinisches Mittelalter*, é testemunhar a indestrutível organicidade da cultura européia. Como? Estudando, de forma longitudinal, os ingredientes culturais que constituem o patrimônio comum latino-medieval. Maria Rosa Lida fez uma apreciação muito séria da monumental obra do romanista alemão, procurando reduzir ao justo valor as suas monografias (1). Em seu *Jornal de Filologia* (n.º 8, 1955, págs. 148-149), o Prof. Silveira Bueno apresentou alguns reparos que merecem ponderados, procurando mostrar até que ponto o *fichário* de Curtius é incompleto — pois não levou em conta a substância literária da idade média portuguesa, tão expressiva para o caso. A tese de Curtius força, evidentemente, a interpretação de muitos fenômenos culturais, que, longe de serem resultados de uma trajetória histórica, são gerados por circunstâncias históricas semelhantes. No afã de insistir nessa unidade cultural da Europa, a investigação de Curtius consiste em estabelecer a continuidade histórica de certos ingredientes e princípios literários, estéticos, cosmogônicos, axiológicos e pedagógicos: estuda, pois, a gênese e a evolução de esquemas e motivos literários, de lugares-comuns (*tópica*), de mitos — como o das musas, — das artes liberais, da valoração da poesia, da deusa Natureza, da paisagem ideal, do maneirismo. As próprias correntes literárias do século XVII espanhol — o Cultismo e o Conceptismo — têm suas raízes no barroquismo da poesia latino-medieval dos séculos XII e XIII...

Um dos capítulos, ou melhor, uma destas monografias — porque o livro de Curtius não é uma obra com perfeita unidade de composição — refere-se à *Tópica*. Num corte longitudinal, o autor estuda os lugares-comuns, os chavões, que circularam desde a Antiguidade greco-romana até pouco depois da Renascença. Entre estes tópicos — o exordial, o da “palavra consolatória”, o da “afetação de modéstia”, o da “invocação da natureza”, o do “menino-ancião” e muitos outros, está o do “*florebat olim...*”, por outras palavras — o do “mundo às avessas”, cuja ascendência, para Curtius, está nos *adýnata* da antiga Grécia. Arquíloco de Paros teria

(1). — *Perduración de la literatura antigua en Occidente*, in *Romance Philology*, vol V, n.ºs 2 e 3, Nov. 1951 — Fev. 1952.

sido o seu criador, quando, após o eclipse solar de 648, afirmou que nada então era impossível, pois Zeus havia escurecido o sol.

O tópico do “mundo às avessas”, de origem poética portanto, assume diferentes modalidades, cada qual determinada por específicas circunstâncias históricas; mas em geral o que está na base do tópico é a expressão de um descontentamento com as coisas do mundo contemporâneo, ou melhor, uma oposição entre as gerações velhas e as gerações que rebentam. Às vezes a descrição do “mundo às avessas” não chega a ser um *adýnaton*, no sentido original de *impossível*, mas um retrato sincero de sua época.

Ainda hoje, nas conversações diárias, é costume ouvir-se a pessoas de certa idade uma opinião pejorativa do mundo contemporâneo, contrastante com os tempos de outrora. Não deixa de ser uma atitude saudosista a exclamação: *Ah! no meu tempo era tudo diferente*. Estes conceitos costumam surgir principalmente em épocas de subversão de valores, sob o “signo da primavera do reerguimento ou do outono da decadência” — como diz Curtius.

Na literatura provençal, foi Arnaut Daniel o trovador que mais abusou do tópico, cuja interpretação é algumas vezes impenetrável. Numa de suas belas canções, em que o trovador faz uma verdadeira “profissão de fé” bilaquiana de sua arte, aparecem os estranhos versos da cauda:

Ieu sui Arnautz qu'amas l'aura
E chatz la lebre ab lo bou
E nadi contra suberna.

(Eu sou Arnaut Daniel, que amassa o vento, caça a lebre com o boi e navega contra a corrente).

De extraordinária riqueza, todavia o exemplário de Curtius não mencionou uma só passagem do trovador centenário Peire Cardenal, já da fase decadente do movimento trovadoresco provençal, posterior à cruzada inquisitorial contra os albigenses (1209). Sá-tiro impiedoso, Peire Cardenal incumbiu-se de descarnar as mazelas do mau clero de seu tempo; conhecia-as por experiência própria, como egresso que era do canonicato do Puy. Num estribote verrinoso contra os clérigos de então, — que agora cantavam baladas e salmos *travestis* (e com certeza Caifás e Pilatos entrariam no Céu antes deles), — Piere Cardenal invoca o virtuoso exemplo dos monges de outrora, que viviam prostrados diante da imagem de Deus, completamente reclusos nos mosteiros:

Monge solon estar dins los mostiers serratz,
On adzoravan Dieu denan las magestatz,

e agora vivem pelas ruas da cidade, como todo-poderosos, arrebatando as mulheres alheias indiscretamente.

E' possível que na produção literária desse trovador a invectiva impiedosa contra o mau clero deixasse de ser um mero motivo literário para ser tão somente a expressão da realidade moral da classe, que nesse tempo bem podia estar em declínio — depois do desastre inquisitorial dos albigenses. O florescimento da heresia cátara tinha sido o testemunho da impotência da Igreja na zona meridional da França.

O último rebento da lírica ocitânica, já nas vésperas da cruzada que exterminou o doce paganismo da geração clássica, foi Giraut de Riquier. Num período de transição dolorosa, em que a musa pagã dos grandes trovadores entregava a direção da poesia à inspiração de Maria, era inevitável que o protesto do trovador fosse vibrado contra o declínio vertiginoso da poesia: esta descambava para a bufonaria e transformara-se em gritos indecentes (*critz mezclatz ab dezonor*). Esquecia-se do que outrora podia trazer os louros da glória, e pouco faltava agora para que o mundo submergisse nas sombras da impostura:

Quar tot, quan sol donar lauzor,
Es al pus del tot oblidat,
Que.l mons es quays totz en barat.

Tratava-se evidentemente do tópico, pois o *adýnaton* assume até seu caráter hiperbólico. Uma aragem purificadora viria dentro em breve impulsionar a inspiração da nova geração de trovadores, pois a poesia deriva solenemente para o lirismo contemplativo da Virgem.

Desçamos até às doces paragens de Entre Douro e Minho. Entre os trovadores galego-portuguêses o tópico aparece, e explica-se mais facilmente como fruto de uma conjuntura histórica de natureza semelhante, do que como resultado da continuidade psíquica do Ocidente. O tópico sob a forma de visão apocalíptica, entretanto, pode ser fruto de uma transmissão livresca, tendo como ponto de partida histórico os primeiros poetas que se inspiraram nos livros bíblicos para a expressão literária do mundo subvertido.

Depois do mecenatismo das côrtes de D. Afonso III e D. Dinis, o destino da poesia era desolador. A partir do reinado de Afonso IV, verifica-se uma profunda mudança no sentido da vida, social e moral, transformação que a futura dinastia de Avis acelera vertiginosamente, preparando agora as forças físicas do homem, adestrando o cavaleiro, formando moralmente o príncipe e prevenindo a nação contra o perigo castelhano. Os ideais culturais mudavam radicalmente, e nesse quadro de transformações a poesia não encontrava um lugar onde instalar-se. Fechavam-se as portas para as voações literárias — que agora se reduziam à composição coletiva

de livros apologéticos, desde a didática da montaria à pedagogia do príncipe ideal. O jogral Joham, de León, faz o retrato dessa dolorosa situação da poesia, desenhando as desanimadoras perspectivas que se seguiam à morte de D. Dinis — o grande protetor das letras e êle mesmo o mais fecundo dos trovadores galego-portuguêses. O jogral leonês recorda-se dos doces tempos da côrte dionisiana, em que os trovadores desferiam com arte e sinceridade as melancólicas trovas amorosas; agora, com a perda irreparável do Rei-trovador, os namorados que “trobam d’amor” perderam o “prazer” da poesia, e para os cidadãos e cavaleiros que daquele rei recebiam favores não restava senão morrerem por suas próprias mãos:

Os trovadores que poys ficárom
en o seu regno et no de León,
no de Castela, no d’Aragón
nunca poys de sa morte trobarom (C. V. 708).

Não sabemos que razões militavam em favor de João Soares Coelho, o descendente ilustre de Egaz Monis e trovador da côrte de Afonso III, para descrever téticamente a decomposição moral do seu tempo, cuja subversão apocalítica trazia os sinais evidentes do Anti-Cristo: o imperador — voltado contra Roma; a iminente insurreição dos tártaros; os mouros — substituindo os cristãos nas romarias ao Santo Sepulcro; o descrédito recíproco entre os servos e os senhores feudais; pagãos (*non bautizado*) como Johan Fernandez, em peregrinação a Jerusalém. O trovador encontrava no seu tempo a expressão concreta dos 15 sinais do fim do mundo:

Johan Fernandez, o mund’ é toruado
e, de pran, cuydamos que quer fiir:
ueemo’l’enperador levantado
contra Roma e tartaros uuir,
e ar ueemos aqui don pedir
Johan Fernandez, o mouro cruzado (C. V. 1013).

Talvez a simples indisposição política entre o rei D. Afonso III e a Igreja fôsse suficiente para exacerbar o espírito contrito e virtuoso do fecundo trovador português. Sabe-se que João Soares Coelho teve particular atuação na reconciliação entre aquêles dois poderes.

Um dos encantos da poesia de Martim Moya reside na idéia permanente de que seu mundo vai “de ben em mal e de mal em peyor”. Falando expressamente no “mundo a avesas”, num mundo completamente esqyecido pelo Senhor (... *que Nostro Senhor/ non quer no mundo ia mentes parar*), acha preferível a morte; a vida não tem mais sentido para quem vivê numa época de inversão

completa dos valores, em que os bons aparecem subjugados pelos maus:

Ca veio boos cada dia decer,
e veio maaos sobr'eles poder (C. C. B. 889).

Para o trovador cumpriam-se no seu tempo os prognósticos das Sagradas Escrituras, pois “o anti Christo ora seera na terra” (C. C. B. 887), cujos sinais evidentes são a “mengoa de Justiça”, a cobiça desenfreada, a ausência de mesura e de *conselho*, o esbulho de hospitais, igrejas, peregrinos, donas e fidalgos, o abandôno da lavoura, o estupro e o descaso da reputação. O quadro que nesta cantiga vem descrito, fruto de um espírito desiludido do seu tempo, é verdadeiramente apocalíptico e com visos de veracidade.

Temos a impressão de que o uso que faz do tópico do “mundo às avessas” o trovador afonsino Johan Lopez d’Ulhoa, está dentro de outras condições de espírito: com êste a idéia do “mundo desguisado” parece meramente literária, como *motivo* de um seu cantar d’amor (C. C. B. 357). E’ tópico e motivo ao mesmo tempo, pois apenas na primeira estrofe chamou a atenção para o desconcerto do tempo, razão pela qual maldiz a época em que se apaixonou por uma dama; o trovador considera a incorrespondência da mulher um dos sinais dêsse desarranjo em que vive o mundo no seu tempo.

No *Cancioneiro da Ajuda* (n.º 305) também figura o tópico do mundo em reviravolta, no sirventês de um Desconhecido, para quem o mundo vai de mal a pior, e um destêrro não resolveria a situação de quem pretendesse encontrar um mundo melhor:

Quen uiu o mundo qual o eu já ui...,
e uiu as gentes que eran enton
e uiu aquestas que agora son...,

e desce daí para dizer que o mundo agora é só falsidade, *sen Deus*, sem grandeza e sem mesura: *U foi mesur’ ou grãadez?* A verdade desapareceu, como desapareceram os amigos leais; obliterou-se a alegria de cantar d’amor, como o sabor da própria vida; enfim, um mundo que perdeu a fé, tornou tristes os homens e desterrados da poesia.

Essa paisagem social e moral desanimadora não parou aí: estimulou ainda o inconformismo de outros trovadores. Pero Barroso também manifestou o seu descontentamento do mundo presente, tão diverso daquele que conhecera em outros tempos:

Aqueste mundo, par Deus, non he tal
qual eu uy outro; non ha gran sazón,
e por aquesto, no meu coraçón,

aquel deseí' e este quero mal,
ca vei' agora o que nunca uy
e ouço cousas que nunca oy (C. V. 593).

O grande trovador compostelano Airas Nunes também nos deixou o retrato moral do seu tempo. O trovador põe-se à procura da "verdade", numa atitude que lembra a tradicional anedota de Diógenes o Cínico (só lhe faltou a lanterna). Dirigiu-se às irmandades religiosas, aos "mosteyros dos frades regrados", aos frades e abades da ordem de Cister, e dêles recebia a resposta desoladora de que ali não residia aquilo que êle procurava. Estando em Santiago um dia, chegaram à sua pousada alguns peregrinos romanos; o trovador perguntou-lhes pelo paradeiro da "verdade", ao que responderam:

....."par Deus,
muyto levade'-lo caminh' errado,
Ca, se verdade quiserdes achar,
Outro caminho conven a buscar (C. V. 455).

Até que ponto o tópico é um expediente literário, e até que ponto expressão da realidade? Essa crise moral do clero possivelmente não implicava numa diminuição da fé, num descrédito da religião. São comuns exemplares poéticos dessa geração, em que o trovador se levanta contra Deus, responsabilizando-O pelos insucessos amorosos ou pelas desgraças passionais. Rodrigues Lapa insiste em dizer que se tratava mais de uma heresia literária do que pròpriamente de uma subversão real no espírito religioso dos homens dêsse tempo (2). Joaquim de Carvalho esposou em parte a afirmação do grande medievalista, ponderando:

"Todavia, não exageremos êsse caráter literário em prejuizo da verdade: os homens da segunda metade do século XIII desfrutavam uma liberdade, em matéria religiosa, que degenerava em desbocada soltura: era a consequência, mais ainda que duma esparsa cultura filosófica com caráter heterodoxo, das lutas ardentes com a Igreja, que não pouco abalaram a consciência religiosa do País" (3).

Não podemos negar que os poetas portugueses tiveram certa predileção pela visão apocalítica do mundo. O mundo inteiramente às avessas, vamos encontrá-lo mais tarde na poesia do século XVII. D. Francisco Manuel de Melo, o acidentado D. Francisco

(2). — *Das origens da poesia lírica em Portugal na Idade Média*. Lisboa, 1929, págs. 99-105.

(3). — *Cultura Filosófica e Científica*, in "História de Portugal", direção de Damião Peres, vol. IV, pág. 492.

Manuel de Melo, será o mais alto representante do tópic do mundo impossível. Num dos momentos mais cruciantes de sua vida no cárcere, pôde escrever o soneto mais extraordinário do seu desengano dos homens e do desengano de si mesmo:

Onde me acolherei? Tudo é tomado!
Arde o monte, arde o Céu, cai da altura
O firme freixo; a estrêla mais segura
Varre o chão, com desprezo antes olhado!

O docel de ouro, o coronel dourado
Pende, e desmente a graça, e a ventura
Pálisa foge. O sangue, a fermosura,
Tudo vai pela terra derramado.

Perde-se o grande, perde-se o formoso,
Sem que o valor do mais constante brio
Escape de acabar do assalto ou cêrco.

No primeiro quarteto o poeta apresenta uma visão apocalítica do mundo: em lugar nenhum êle pode encontrar proteção, porque os lugares mais altos (o *monte*, o *Céu*) e os lugares mais fortes (o *freixo*) estão sendo arruinados pelo fogo (isto é, pela *ambição*, pois êsses lugares mais altos e mais fortes referem-se à realza e à nobreza). No segundo quarteto e no primeiro terceto repete-se o símbolo: a perdição dos fortes, desde o soberano (*docel de ouro* — aro e diadema), aos últimos graus da nobreza (*coronel dourado* — aro sem diadema). A ruína dos fortes, pela *ambição*, é quadro que se desenha constantemente no espírito do poeta e do grande soldado que militou nas guerras de restauração da Catalunha. No seu tempo a nação perdia a sua “têmpera antiga”, chafurdando na *insolência*, na *ambição*, no ódio apocalítico. Veja-se a Carta V a Francisco de Sousa Coutinho, embaixador da Holanda:

Aquela têmpera antiga
da nossa honrada nação,
tão honrada e tão antiga,
Senhor, não sei como diga,
destemperou-a a ambição.

Os filhos vão contra os pais!
Os pais contra êles sem siso.
Para que é dizer-vos mais?
Sem haver dêle sinais,
Cada dia é do juízo.

Não há dúvida de que o soneto fôra escrito na prisão, em Lisboa, como tantos outros que no cárcere escreveu. O poeta era parente da casa de Bragança (pelo lado materno, parente também de Duarte Nunes de Leão); parentesco longe com o rei D. João

IV, para êle apelava tão freqüentemente, que suas queixas se tornaram monótonas. A elas não dava ouvidos o soberano, tampouco os nobres e influentes na côrte, cuja intervenção o poeta rogava insistentemente no sentido de mover a clemência do rei e a conseqüente comutação da sua pena. Debalde. O mais que conseguiu foi mudar o itinerário do destêrro: das Índias para o Brasil.

Mero tópico? Uma situação realmente vivida? Uma coisa e outra. Circunstâncias morais idênticas ocasionam estímulos semelhantes. Não acreditamos que aí, nos fundos negros e frios de uma enxovia, o desgraçado poeta, que experimentara integralmente o morbo heróico dos grandes homens da Renascença, se dispusesse a desenhar uma paisagem moral que a sua imaginação literária concebia. O quadro correspondia ao declínio das forças positivas da nação portuguesa, deprimida como esteve pelas botas filipinas durante mais de meio século.

O tópico, pois, pode acumular os dois valores: o que tem como expediente literário, imagem poética, recurso expressivo; e o que tem como representação de uma conjuntura histórica, de uma posição moral do poeta perante a realidade do seu tempo. O outro aspecto, que consiste no princípio formal básico — a “enumeração dos impossíveis” (*adýnata*) — tem suas raízes na antigüidade clássica.

SEGISMUNDO SPINA

Assistente da Cadeira de Literatura Portuguesa da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.